

Mais tempo passa, passa com o gelo.

Então, saindo da escuridão, ouço uma voz familiar, uma que eu nunca esperava ouvir novamente.

Lá está o navio, diz a voz, baixa, profunda e desumana.

A voz de um tubarão.

Nill, penso comigo mesmo, abrindo meus olhos para os mares escuros. Quando partimos

Limonos, o tubarão de Maren, Nill, ficou para trás para esperá-la. Ele nunca foi meu tubarão, mas era parte da família, e doeu deixá-lo para trás, mesmo que ele insistisse.

Mas Limonos estava em um oceano totalmente diferente, um onde icebergs não existiam, onde a água era morna e cheia de corais brilhantes e peixes coloridos. É onde Nill pertencia, não aqui na escuridão gelada dos mares do sul.

O leme, diz a voz. Vejo algo preso ao leme.

Esforço meus olhos, tentando ver através da água turva constantemente agitada pelas ondas e correntes. Alguém está falando; sei que posso ouvi-los. Talvez outro tubarão?

Desta vez, estou pedindo comida.

Olá! Eu grito. Tem alguém aí?

Oh meu Senhor, ouço outra voz dizer com admiração.

Mas desta vez, a voz não é apenas familiar.

É a voz do meu coração.

A parte perdida da minha alma que tenho procurado a maior parte da minha vida.

Maren! Eu grito.

Larimar! Eu ouço a resposta dela.

Não pode ser. Não pode. Continuo olhando para o mar, esperando estar alucinando, ouvindo coisas. Não pode ser ela ou Nill — as duas não podem estar aqui. Nill é um exagero, mas Maren é uma impossibilidade. Ela trocou suas nadadeiras por pernas! Não é possível que ela seja uma Syren novamente. E ainda assim, era possível para mim.

Meu coração se fecha em um pequeno punho apertado, mantendo toda a esperança.

Maren, estou aqui! Eu grito.

E pela primeira vez sozinha, eu rezo. Oh Deus, se você existe como Priest pensa que você existe, por favor, por favor, por favor.

Que seja ela.

Há silêncio por um momento, e então de repente, das águas turvas, duas formas aparecem, nadando em minha direção.